

FILOSOFIA EXISTENCIALISTA E RELIGIÃO: BREVE ESBOÇO DE RELAÇÕES

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar um breve esboço das relações estabelecidas entre a filosofia existencialista e a religião, com especial enfoque no cristianismo, identificando os principais representantes das diversas posições diante desta relação: seja por rejeição da religião, sua aceitação ou mesmo pelo desenvolvimento de uma teologia existencial mediante a união destes componentes. Este texto não pretende ser um estudo exaustivo, mas oferecer um delineamento básico com o intuito didático do ensino da filosofia existencialista para estudantes de teologia, enfatizando os aspectos mais relevantes para estes, através da relação com a religião.

Palavras-chave: *Existencialismo; Teologia Existencial; Teologia Dialética.*

ABSTRACT

This paper presents a brief outline of the relations established between the existentialist philosophy and religion, with particular focus on Christianity, identifying the main representatives of the different positions on this relationship: by rejection of religion, acceptance or even the development of a existential theology by the union of these components. This is not intended to be an exhaustive study, but offer a basic design with the didactic purpose of teach existentialist philosophy for students of theology, emphasizing the most important aspects to these, through the relationship with religion.

Key-words: *Existentialism; Existential Theology; Dialectical Theology.*

INTRODUÇÃO

O século XX, marcado pelas duas Grandes Guerras, pela Guerra Fria, assim como por um pessimismo profundo decorrente do abandono da ideia de progresso², teve no campo

¹ Graduado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Henri-Iréné Marrou, historiador francês, chegou a afirmar que com as Grandes Guerras, teve “a certeza de que ali uma ilusão se dissipara para sempre – a crença confortável e ingênua num progresso linear e contínuo que justificava a civilização ocidental como a última etapa atingida pela evolução da humanidade” MARROU, Henri-Iréné. *Teologia da História: o sentido da caminhada da humanidade através da temporalidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989. p. 11. Também o teólogo alemão Rudolf Bultmann afirmou que com as Grandes Guerras, “a fé ingênua no progresso caiu aos pedaços” BULTMANN, Rudolf.

filosófico o existencialismo como principal representante. De fato, o século XX pode até mesmo ser caracterizado como a “era do existencialismo”³.

O existencialismo, tal como todas as correntes filosóficas, é uma construção⁴: trata-se de uma forma de sistematizar um conjunto de pensadores e concepções filosóficas com certa unidade, sem que haja necessariamente uniformidade. Assim, o existencialismo apresentou-se em diferentes matizes, uma vez que tomou rumos variados e mesmo muito distantes, formando dois grupos distintos e quase opostos: enquanto surgia um existencialismo ateu de um lado, de outro aparecia um existencialismo claramente e declaradamente cristão. Segundo JEAN-PAUL SARTRE, principal representante do grupo ateu, o que ambos os grupos possuíam em comum era “simplesmente o fato de considerarem que a existência precede a essência ou, se preferirem, que é preciso partir da subjetividade”⁵. Mas quais são as implicações da proeminência da existência e da subjetividade para a teologia contemporânea? De que forma a relação entre essência e existência afeta a teologia?

A PROPOSTA EXISTENCIALISTA

Para se compreender a influência e a contribuição do existencialismo para a teologia, é necessário primeiramente compreender-se o que é o existencialismo. Não é tarefa fácil definir-se o existencialismo, uma vez que o termo “se refere a tipos de método e doutrina”⁶ bastante diferentes. Segundo PAUL TILlich, pode-se perceber a “unidade fundamental” dos existencialistas em termos positivos e negativos: naquilo que buscam ressaltar e defender, assim como naquilo que acusam e confrontam. Essencialmente, o existencialismo é um ataque ao racionalismo, valorizando os elementos vitais e existenciais, tanto como objetos quanto em

Humanism and Christianity. In: The Journal of Religion, University of Chicago / Divinity School, Vol. 32, No. 2, Apr., 1952. pp. 77-86 [78].

³ Paul Tillich já pressentia isto quando afirmou que “o século vinte haverá de ser caracterizado, no futuro, como a era do existencialismo” TILlich, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. (Trad. Jaci Maraschin. 4 ed.). São Paulo: ASTE, 2010. p. 245. Esta proposta filosófica alcançou praticamente todas as áreas da cultura.

⁴ Não se deve afirmar que se trata de uma construção *a posteriori*, como ocorre com um bom número de correntes filosóficas, uma vez que os representantes desta escola possuíam consciência tanto da formação quanto do pertencimento a esta filosofia que se construiu com clareza no século XX. Neste sentido a conferência proferida por Jean-Paul Sartre em Paris no dia 29 de outubro de 1945 e posteriormente publicada como *O existencialismo é um humanismo*, é de especial importância.

⁵ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 18.

⁶ LONERGAN, Bernard. “General Orientation”, In: Id. *Collected works of Bernard Lonergan: Phenomenology and Logic: the Boston College Lectures on Mathematical Logic and Existentialism*. Toronto: University of Toronto Press, 2001. pp. 219-233 [219].

seu estilo, uma vez que “o existencialismo não é apenas uma revolta; é também um estilo”⁷. Assim, os ataques contra o racionalismo em prol da vida se deram com expressões “extremamente agressivas, apaixonadas, paradoxais, fragmentadas, revolucionárias, proféticas e extáticas”⁸.

ANTECEDENTES DO EXISTENCIALISMO

Tal como Paul Tillich destacou, o existencialismo do século XX “reanima elementos existencialistas de épocas passadas, como certas ideias de Platão, da Bíblia, de Agostinho, de Duns Escoto e de Jacob Boehme”⁹. Não é à toa que Kierkegaard fundamenta sua filosofia em SÓCRATES¹⁰, e Heidegger em ARISTÓTELES, apesar de ambos se colocarem enquanto críticos e mesmo rompedores da tradição filosófica. Paul Tillich também recorre a Aristóteles a fim de fundamentar sua ontologia existencialista, relacionando as distinções aristotélicas entre *dynamis* e *energia* e entre matéria e forma com a tensão existencialista entre existência e essência¹¹. Também TOMÁS DE AQUINO (1225-1274) é tido como precursor de características e ideias existenciais. Sua percepção sobre a ambivalência da natureza humana, assim como das duas noções do ser e de Deus foram lembradas pelos existencialistas, ao mesmo tempo que os tomistas rejeitaram categoricamente esta associação. O filósofo francês tomista ÉTIENNE GILSON (1884-1978), por exemplo, criticou a suposta importância do existencialismo na resolução do problema da relação entre ser e Deus, uma vez que “foi São Tomás quem nos fez ler Kierkegaard, não o contrário”¹². Assim, apesar de alguns tomistas como JACQUES MARITAIN (1882-1973) terem aspectos de sua filosofia que se aproximam do existencialismo, o caminho tomado foi completamente diferente¹³. É evidente que algumas abordagens

⁷ TILLICH, *Perspectivas*, p. 245.

⁸ TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. (Trad. Jaci Maraschin). São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 154.

⁹ TILLICH, *Perspectivas*, p. 245.

¹⁰ A dissertação de mestrado de Kierkegaard teve como título *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, submetido em 1841. Apesar de Sócrates não poder ser utilizado como base fundamental de uma filosofia por não ter deixado escritos, serve a Kierkegaard como “símbolo magnífico (...) para todo pensador antigo e moderno que veio sob seu feitiço magnético” SARF, Harold. *Reflections on Kierkegaard's Socrates*. In: *Journal of the History of Ideas*, University of Pennsylvania, Vol. 44, No. 2, Apr.-Jun. 1983. pp. 255-276 [255].

¹¹ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo; São Paulo: Editora Sinodal; Edições Paulinas, 1984. p. 394.

¹² GILSON, Étienne. *O filósofo e a teologia*. Trad. Tiago José Risi Leme. Santo André: Academia Cristã, 2012. p. 176.

¹³ De fato, a existência é importantíssima na filosofia de Tomás de Aquino, tal como fica evidente na obra de Étienne Gilson intitulada *A existência na filosofia de S. Tomás* (publicada em português pela editora Duas Cidades, 1962). Também a obra *Court traité de l'existence et de l'existent* (Paris: Paul Hartmann, 1947) de Jacques Maritain apresenta o aspecto existencial de Tomás de Aquino, evidenciando o caminho de Maritain. Gilson publicou ainda uma série de artigos e aulas tais como “limites existenciais da filosofia” e “o tomismo

filosóficas com valorização da autonomia e da vida tais como a de LUDWIG FEUERBACH (1804-1872) que defendia o pensamento a partir da vida e da existência¹⁴, de WILHELM DILTHEY (1833-1911), cuja hermenêutica partia da própria vida, ou ainda outros pensadores, que influenciaram diretamente determinados representantes do existencialismo.

SØREN KIERKEGAARD – A TEOLOGIA DA EXISTÊNCIA

O filósofo dinamarquês SØREN KIERKEGAARD (1813-1855) é muito recorrentemente apontado como o “pai do existencialismo”, não apenas pelo seu pioneirismo com suas ideias existenciais – já no início do século XIX –, como também pela sua influência nos autores existencialistas do início do século XX. Sua leitura de FRIEDRICH SCHELLING (1775-1854) é particularmente importante, uma vez que a “filosofia positiva” deste autor pode ser tida como uma espécie de filosofia existencial antes do existencialismo. Kierkegaard, porém, vai para além de Schelling, estabelecendo uma concepção filosófica bastante profunda apontada como uma verdadeira psicologia dialética¹⁵, onde há uma relação do eu consigo mesmo, de modo que o “eu” na perspectiva deste autor, “é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas apenas consigo mesma”¹⁶. Podemos perceber esta relação como uma demonstração de uma compreensão do “eu” não enquanto uma relação entre corpo e alma, mas desta relação (corpo e alma) orientar-se sobre si mesma, na relação posteriormente formulada enquanto essência e existência¹⁷. De fato, a existência já era colocada à frente na teologia de Kierkegaard em um processo de inversão¹⁸.

A filosofia existencialista, tendo seu começo em Kierkegaard, surge, portanto, de mãos dadas à teologia. De fato, tal como lembrou Tillich, “Kierkegaard representa a ala

e as filosofias existenciais”, ambos publicados no jornal *La Vie Intellectuelle* (13 de junho de 1945, pp. 144-155). Cf. GILSON, Étienne; MARITAIN, Jacques. *Correspondance: 1923-1971*. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 1991. p. 143.

¹⁴ “Não deseje ser filósofo em contraste com o ser humano... não pense como um pensador... pense como um ser vivo e real... pense na existência” (FEUERBACH apud TILLICH, *Teologia da Cultura*, p. 137).

¹⁵ Sua obra *O conceito de angústia* apresenta-se enquanto “uma reflexão psicológica” KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. (Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 25.

¹⁶ KIERKEGAARD, Soren. *O desespero humano*. (Trad. Fransmar Costa Lima). São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 19.

¹⁷ COLLI, Gelci André; RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. *A ambivalência humana: uma perspectiva cristã*. In: *Theologica Xaveriana, Pontifícia Universidad Javeriana / Facultad de Teología, Bogotá*, Vol. 63, No. 176. julio-diciembre 2013. pp. 403-428 [410].

¹⁸ “Antes se dizia: ‘Infelizmente a existência não é idêntica ao sermão do pastor’; talvez venha o tempo em que se diga: ‘Felizmente a existência não é como o sermão do pastor, porque a existência, apesar de tudo, possui algum senso, ao passo que o sermão não possui nenhum’” (KIERKEGAARD, Soren. *Temor e tremor*. (Tradução e prefácio Torrieri Guimarães). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 131, nota 1).

religiosa da filosofia existencial. Ele nunca se considerou filósofo¹⁹, e os que acham nele um tipo clássico de pensador existencial, muitas vezes se mostram reticentes²⁰. Mesmo assim, porém, Kierkegaard não foi apenas o formador de uma psicologia dialética, como também inspirou a formação do existencialismo em seu apogeu no século XX.

A RETOMADA DO EXISTENCIALISMO

Da segunda metade do século XIX ao final da primeira metade do século XX o existencialismo encontrou um período de “descanso”. Durante o século XIX, Kierkegaard como ainda KARL MARX (1818-1883)²¹ e FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900)²², não vieram a ser reconhecidos mundialmente, tal como ocorreria no século seguinte²³. No início do século XX, porém, houve uma verdadeira retomada do existencialismo, que estava adormecido durante grande parte do século XIX, acordando especialmente a partir da leitura de Kierkegaard por uma série de estudiosos alemães. A tradução do filósofo dinamarquês para o alemão durante as primeiras décadas do século XX²⁴ permitiu que muitos fossem fascinados

¹⁹ “O presente autor de modo algum é um filósofo. Não entendeu qualquer sistema de filosofia, se é que existe algum, ou esteja terminado. (...) O presente autor de modo algum é um filósofo. E, sim, *poetice et eleganter*, um amador que não redige sistema nem promessas de sistema; não é culpado de tal excesso nem a ele se consagrou” (KIERKEGAARD, *Temor e tremor*, p. 17).

²⁰ TILLICH, *Teologia da Cultura*, p. 157.

²¹ Poucos vinculam Marx ao existencialismo. Tillich, um destes poucos, lembra que esta associação só é possível “a respeito de certos trechos de seus escritos” (TILLICH, *Teologia da Cultura*, p. 158). A influência de Marx sobre Merleau-Ponty e principalmente sobre Sartre, porém, merece destaque. O materialismo, porém, acaba sendo um problema para Sartre, pois, apesar de valorizá-lo como “sério” e importante para o revolucionário (SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. (Tradução e notas de Paulo Perdigão). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 709), não o conciliou completamente com sua proposta ontológica. Inspirado pelo contato com Merleau-Ponty, escreve *Questions de méthode* (1957), onde chega a tentar estabelecer uma conciliação entre materialismo e existencialismo, que continua em *Critique de la raison dialectique* (as obras são publicadas juntas pela editora Gallimard em 1960), porém os resultados são relativos.

²² É imensa a influência de Friedrich Nietzsche em diversos filósofos existencialistas, a exemplo de Karl Jaspers, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. Os textos de Jaspers e Heidegger sobre Nietzsche são essenciais no estudo sobre este filósofo. Segundo Tillich, tanto a filosofia de Marx quanto a de Nietzsche, “são filosofias existenciais apenas em certos momentos” (TILLICH, *Teologia da Cultura*, p. 158). Não deixam de ter, porém, a sua importância.

²³ TILLICH, *Perspectivas*, p. 175. É claro que neste intervalo autores como Henri Bergson, Georg Simmel e Max Scheler tiveram ideias bastante existenciais, podendo mesmo serem compreendidos dentro do grupo existencialista (TILLICH, *Teologia da Cultura*, p. 158).

²⁴ As traduções empreendidas e editadas por Christoph Schrempf, Albert Dorner, Eugen Diederichs e Hermann Gottsched foram uma imensa contribuição nos estudos sobre Kierkegaard na Alemanha. Alvaro Valls destaca em um de seus artigos que o conhecimento de Heidegger sobre Kierkegaard se deu justamente por estas traduções: “O que Heidegger conhecia de Kierkegaard? Suas traduções” (VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. *Kierkegaard, leitor da Fenomenologia da religião*. In: *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, órgão oficial da Sociedade Brasileira de Fenomenologia e da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana, DWW Editorial, São Paulo, Vol. 14, No. 1, 2012. pp. 1-20 [6]). Assim, a previsão de Kierkegaard, de que “inteiramente sem ser notado” (KIERKEGAARD, *Temor e tremor*, p. 17), não se cumpriu.

pela antiga – porém inovadora – perspectiva, tendo como consequência um existencialismo com intensidade nunca antes alcançada. Esta retomada da perspectiva existencial não se limitou, porém, à filosofia, não apenas alcançando como influenciando profundamente a teologia. Esta “redescoberta do existencialismo”, portanto, foi um processo “muito importante para a teologia”²⁵.

O EXISTENCIALISMO RELIGIOSO – A RELIGIÃO ACEITA

O existencialismo surge a partir de um teólogo, Kierkegaard, e prossegue sendo vinculado ao cristianismo ao longo do século XX, mesmo que venha a surgir uma vertente do existencialismo ateu ou que esta perspectiva filosófica seja incorporada por pensadores de outras religiões. Um existencialismo religioso, portanto, pode ser percebido em uma série de autores, dentre os quais se pode destacar alguns pensadores cristãos e um judeu, cujas obras marcaram posição na disputa existencialista sobre a questão de Deus.

GABRIEL MARCEL (1889-1973), filósofo, dramaturgo, crítico literário e músico francês, definia-se como “filósofo da existência” em oposição ao “existencialismo” que se desenvolvia na França assumindo fundamentação no ateísmo, tendo Sartre como principal representante, pois “explicitamente rejeitou a forma extremada do existencialismo que afirmaria a existência sem levar em conta a essência”²⁶. Influenciado por HENRI BERGSON (1859-1941), desenvolveu uma filosofia bastante peculiar, mas também bastante próxima da de Kierkegaard, aproximando-se do filósofo dinamarquês – até mesmo na retomada de SÓCRATES – porém de forma indireta. Assim, sua principal obra, *Journal Metaphysique*²⁷, que começou a escrever em 1910²⁸, já carrega elementos de uma filosofia bastante existencial relacionada a uma perspectiva católica da realidade.

MIGUEL DE UNAMUNO (1864-1936), escritor espanhol, é apontado diversas vezes como pragmatista – pela sua ênfase na ação –, mas possui características existencialistas fortes. Tal como outros filósofos espanhóis a exemplo de JOSÉ ORTEGA Y GASSET (1883-

²⁵ TILLICH, *Perspectivas*, p. 245.

²⁶ PAX, Clyde. *An Existential approach to God: a study of Gabriel Marcel*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1972. p. 10. Bernard Lonergan lembra que a encíclica papal *Humani generis* de 1950 do Papa Pio XII, que critica o existencialismo, influenciou para que Marcel deixasse de identificar-se com o termo “existencialismo”, porém a razão principal foi realmente para não ser associado com Sartre (LONERGAN, “*General Orientation*”, p. 219-220).

²⁷ MARCEL, Gabriel. *Journal Metaphysique*. Paris: Gallimard, 1927.

²⁸ LONERGAN, “*General Orientation*”, p. 230.

1955)²⁹ e JULIÁN MARÍAS (1914-2005)³⁰, possuía características próprias de linguagem e pensamento, apesar das semelhanças em relação ao existencialismo, conforme fica evidente principalmente por sua obra *Del sentimiento trágico de la vida*³¹. Para além da existência, porém, ressaltava a ação.

KARL JASPERS (1883-1969), psiquiatra e filósofo católico alemão, é possivelmente o principal representante do aspecto filosófico do existencialismo cristão. Sua filosofia relaciona a ontologia de IMMANUEL KANT (1724-1804) e o existencialismo de Kierkegaard, somando-se a isto uma influência clara de Nietzsche³². Sua principal obra, a *Philosophie* escrita em três volumes³³, é uma demonstração clara de concepção filosófica existencialista que não despreza a essência, mas a percebe a partir da existência. Para Jaspers, não apenas “a essência do homem é mutação”³⁴, como também ele “está sozinho no mundo imenso e mudo”³⁵, necessitando da transcendência para tomar “consciência de ser livre, na forma de vida superior exemplificada por homens de todas as raças e todos os tempos”³⁶. É, portanto, no encontro com o transcendente, que o homem não apenas percebe a si mesmo como encontra sua essência. O transcendente apresenta-se mediante as “cifras” – os símbolos que se apresentam na existência, mas a ultrapassam –, de modo que “para Jaspers Deus é a cifra do uno. Uno como realidade abrangente, e cifra como ‘comunicação’ existencial”³⁷. Sendo assim, o cristianismo de Jaspers é relativo, não por limitar Deus à sua comunicabilidade

²⁹ José Ortega y Gasset foi um importante filósofo espanhol cuja obra é normalmente identificada com o historicismo, mas cujo aspecto de valorização da vida e da existência lhe aproximam do existencialismo mediante a corrente denominada de “raciovitalismo”. A influência de Wilhelm Dilthey e principalmente de Edmund Husserl lhe deram um arcabouço filosófico para fundamentar sua própria perspectiva. Não se pode deixar de perceber, porém, a semelhança entre sua ideia de que o homem é “forçosamente livre” (MARÍAS, 1979, p. 47) e a ideia existencialista de Sartre de que o homem “está condenado a ser livre” (SARTRE, *O existencialismo*, p. 24).

³⁰ Julián Marías, discípulo de José Ortega y Gasset e autor da obra *Miguel de Unamuno* (1943), foi um filósofo raciovitalista imerso no cristianismo, porém partindo da ideia de que “pensamos com a vida”.

³¹ A obra com o título completo de *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y los pueblos* (1912-1913), é um ensaio filosófico onde Unamuno buscou relacionar a necessidade da crença em Deus e a existência humana do homem moderno, valendo-se de Kierkegaard. Julián Marías destacou que Unamuno queria “de dentro de sua agônica esperança inquieta, ‘fazer que todos vivam inquietos e anelantes’” MARÍAS, Julián. *Problemas do cristianismo*. Trad. Diva de Toledo Pisa. São Paulo: Editora Convívio, 1979. p. 46.

³² LONERGAN, “*General Orientation*”, p. 231.

³³ JASPERS, Karl. *Philosophie*. 3 Bände: (I. Philosophische Weltorientierung; II. Existenzerhellung; III. Metaphysik). Berlin: Springer, 1932.

³⁴ Id. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 2010, p. 47.

³⁵ Ibid., p. 46.

³⁶ Ibid., p. 53.

³⁷ SILVA, Natanael Gabriel da. *Deus na filosofia existencial de Karl Jaspers*. In: *Théos: Revista de Reflexão Teológica*, Faculdade Teológica Batista de Campinas, Vol. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.revistatheos.com.br>>. Acesso em 18 de setembro de 2015. p. 13.

existencial (enquanto cifra), mas por reduzi-lo a um símbolo existencial do “Uno”³⁸. Curiosamente, portanto, não é seu existencialismo que contraria o cristianismo, mas justamente seu aspecto transcendental.

MARTIN BUBER (1878-1965), foi um filósofo judeu austríaco, famoso pela sua tradução da Bíblia Hebraica ao alemão, assim como pela sua “filosofia do diálogo”. Sua filosofia não foi nem cristã, nem essencialmente existencialista, mas destaca-se por ser uma filosofia com centralidade em aspectos existenciais cuja realidade de Deus não é apenas aferida como defendida. Buber buscou mostrar mediante suas obras que a identidade pessoal do homem, o “Eu” forma-se necessariamente no encontro e diálogo com o outro, como o “tu”, sendo Deus o grande “Tu Eterno”, que em seu diálogo com o homem, permite que este não apenas o perceba como perceba a si mesmo, já que a relação perfeita é “não compreender nada fora de Deus mas apreender tudo nele”³⁹. Sua ideia está completamente relacionada com a ideia de Gabriel Marcel, que já defendia que uma pessoa se diferencia de uma coisa justamente porque sempre depende do outro pela sua própria constituição como pessoa⁴⁰.

O EXISTENCIALISMO ATEU – A RELIGIÃO REJEITADA

O existencialismo não se direcionou somente de modo positivo para com a religião, tal como se percebe no existencialismo cristão, mas também desenvolveu um existencialismo ateu, que rejeitava fundamentalmente a “hipótese Deus”, assim como a religião. Esta corrente teve seus maiores representantes na França, a exemplo de Sartre e Merleau-Ponty.

JEAN-PAUL SARTRE (1905-1980), filósofo e escritor francês, é com certeza o principal representante do existencialismo ateu. O ateísmo em Sartre não é apenas explícito como praticamente apologético: assim como já se deixou o homem de lado por Deus, deve-se deixar Deus de lado pelo homem. Só se pode compreender a rejeição da religião por Sartre, porém, se entendermos sua proposta de existencialismo ateu, com seus fundamentos ontológicos. Segundo Sartre, a existência precede a essência, e não há uma natureza humana que venha a

³⁸ Não é à toa que Jaspers rejeita a ideia de revelação, tal como deixa claro em sua obra *Der philosopher Glaube angesichts der Offenbarung* (München: Piper, 1962).

³⁹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles von Zuben. 6 ed. revista. São Paulo: Centauro, 2003. p. 92.

⁴⁰ PAX, *Op. cit.*, p. 62. Sobre a filosofia de Buber como “religião do encontro”, cf. SOUZA, Vitor Chaves de. *A religião do encontro: a ética de Martin Buber*. In: *Théos: Revista de Reflexão Teológica*, Faculdade Teológica Batista de Campinas, Vol. 7, 2011. Disponível em: <<http://www.revistatheos.com.br>>. Acesso em 18 de setembro de 2015.

reger e delimitar o homem, assim como “não há um Deus para concebê-la”⁴¹. O homem forma sua natureza de acordo com suas escolhas. Esta é a situação em que todos nos encontramos: não podemos fugir da nossa responsabilidade conosco e com os outros, uma vez que é a partir de minhas escolhas que eu “crio uma determinada imagem do homem que escolho ser”⁴², de modo que “ao escolher a mim, estou escolhendo o homem”⁴³. O homem, portanto, distingue-se de todos os seres, uma vez que, “mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cujo existência precede a essência”⁴⁴, o homem. O homem, portanto, não é antes de *existir*, mas torna-se conforme existe, naquilo que *ele se faz*. O homem é o que faz com o que fizeram dele⁴⁵. Somente a partir desta perspectiva, tida por Sartre como “o primeiro princípio do existencialismo”⁴⁶, se pode compreender a subjetividade humana da qual parte a filosofia existencialista, e a intersubjetividade que esta constrói⁴⁷. Desta forma, a partir da subjetividade – e da intersubjetividade – o homem “não se encontra encerrado nele mesmo, mas está sempre presente num universo humano”⁴⁸, o qual é construído por ele mesmo. O homem é o autor e criador de sua história assim como de seu próprio universo. Ao final de sua grande obra *O Ser e o Nada*, Sartre chega à seguinte conclusão a respeito do homem em relação a Deus: “Assim, a paixão do homem é inversa à de Cristo, pois o homem se perde enquanto homem para que Deus nasça. Mas a ideia de Deus é contraditória, e nos perdemos em vão; o homem é uma paixão inútil”⁴⁹.

MAURICE MERLEAU-PONTY (1908-1961), foi um filósofo francês especialmente influenciado pelo existencialismo de Heidegger, mas principalmente pela fenomenologia de EDMUND HUSSERL (1859-1938). É propriamente fenomenológico, mas pode ser

⁴¹ SARTRE, *O existencialismo*, p. 19. “(...) nada existe de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado ser” (Ibid., p. 20). O homem forma a sua natureza e não Deus, e isto se manteria, segundo Sartre, mesmo se houvesse um Deus criador: “mesmo se houvesse sido criado, o ser-em-si seria *inexplicável* pela criação, porque retomaria o seu ser depois dela” (Id., *O ser e o nada*, p. 37).

⁴² Id., *O existencialismo*, p. 21. Esta responsabilidade se dá justamente pela liberdade do homem, que “está condenado a ser livre” (Ibid., p. 24). Não se pode fugir nem se escusar da escolha: “condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é o responsável por tudo o que faz” (Ibid., p. 24). A escolha não pode ser evitada. Apesar de eu ter escolha, não é possível não escolher, uma vez que “se não escolho, isto também é uma escolha” (Ibid., p. 37).

⁴³ Ibid., p. 21. Deve-se entender que para Sartre o próprio ser é escolha: “(...) somos escolha, e ser é, para nós, escolher-nos” (Id., *O ser e o nada*, p. 414).

⁴⁴ Id., *O existencialismo*, p. 19.

⁴⁵ Apesar dos limites impostos a cada indivíduo, cada pessoa se faz aquilo que é, uma vez que existe a possibilidade de deixar de ser o que está sendo. Os limites marcam mais a universalidade do homem do que a sua individualidade, de tal forma que se compreende por *condição humana*, “o conjunto de *limites a priori* que traçam sua situação fundamental no universo” (Ibid., p. 35).

⁴⁶ Ibid., p. 19.

⁴⁷ Apesar do homem estar preso em sua liberdade, não deixa de ter o encontro com o outro, pelo qual vem a se encontrar. Na realidade, “o outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento” Ibid., p. 34.

⁴⁸ Ibid., p. 43.

⁴⁹ SARTRE, *O ser e o nada*, p. 750.

compreendido como existencialista – em sentido amplo – pela valorização da existência em sua filosofia. Segundo Merleau-Ponty, a reflexão sobre Deus não somente violenta o homem, lhe tira sua liberdade e mesmo sua profundidade, rebaixando-o ao plano de uma simples coisa⁵⁰. Mesmo assim, porém, não se deve desprezar o pensamento sobre Deus, uma vez que “uma característica do homem é pensar sobre Deus”⁵¹, mesmo que “isto não quer dizer que Deus exista”⁵².

MARTIN HEIDEGGER (1889-1976), filósofo alemão que é tido como o maior nome do existencialismo, diferente de Sartre e Merleau-Ponty, não fundamenta sua filosofia no ateísmo. Apesar de ser apontado como um representante do existencialismo ateu por Sartre, seu ateísmo é essencialmente metodológico. Deus não é negado nem afirmado em sua filosofia⁵³. A filosofia existencialista aos moldes de Heidegger, portanto, de modo muito diferente da filosofia de Sartre, não apenas permite ser utilizada pela teologia, como ainda serviu de base para a construção de uma nova perspectiva teológica: a chamada “teologia dialética”⁵⁴.

A TEOLOGIA DIALÉTICA – A RELIGIÃO EXISTENCIAL

KARL BARTH (1886-1968), importante teólogo reformado suíço, é considerado como o maior teólogo do século XX⁵⁵. É tido como o fundador da chamada “teologia dialética” (ou “neo-ortodoxia”), tendo como marco inicial desta corrente a publicação da segunda edição da sua obra *Der Römerbrief*, em 1922⁵⁶. Com esta obra, não apenas despertou os olhares de diversos teólogos que vieram a desenvolver suas próprias teologias existencialistas, como

⁵⁰ LOTZ, J.-B. “Ateísmo y existencialismo”, In: GIRARDI, Giulio. *Ateísmo Contemporáneo*, El. Volumen I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972. pp. 293-344. p. 308.

⁵¹ MERLEAU-PONTY apud LOTZ, “Ateísmo y existencialismo”, p. 308-309.

⁵² Ibid., p. 309.

⁵³ “Heidegger não nega a existência de Deus, nem acredita nela; na sua metodologia fenomenológica, ele suspende a ideia de Deus. Ele não é um agnóstico, tampouco um crente. (...) O que Heidegger faz é tratar a questão de Deus por um outro viés. Por isso ele não se enquadra nem como ateu, nem como crente. Sua filosofia vai para além do teísmo e do ateísmo” SANTOS JÚNIOR, Reginaldo José dos. *Deus na filosofia de Heidegger*. In: *Théos: Revista de Reflexão Teológica*, Faculdade Teológica Batista de Campinas, Vol. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.revistatheos.com.br>>. Acesso em 16 de setembro de 2015.

⁵⁴ Outros representantes importantes do existencialismo ateu foram o filósofo alemão Eugen Fink (1905-1975), e o escritor de literatura argelino Albert Camus (1913-1960), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1957. Pela brevidade deste trabalho não foi possível abordá-los mais detalhadamente. Cf. LOTZ, *Op. cit.*

⁵⁵ GOUVÊA, Ricardo Quadros. “Prefácio – Karl Barth e sua ‘Carta’”, In: BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. (Por Koller Anders, segundo a quinta edição alemã, impressão de 1967. 1ª Parte: capítulos I a VII). São Paulo: Novo Século, 2000. pp. 5-11 [7].

⁵⁶ A primeira edição, de 1919 não teve grandes repercussões, mas “curiosamente, foi a 2ª edição da obra que causou maior impacto” (Ibid., p. 6).

marcou “o princípio de uma nova fase na história da teologia protestante”⁵⁷. Apesar de Barth ter tido fases bem marcadas em sua teologia, somente ao final de sua caminhada intelectual buscou deixar de lado a filosofia existencialista, a qual não apenas carregava consigo como dela servia-se, como se pode perceber pela sua obra *Christliche Dogmatik*⁵⁸, que acabou sendo abandonada quando Barth percebeu que o existencialismo “não era a direção que deveria seguir”⁵⁹. Na teologia de Barth, o existencialismo é sentido em sua dialética entre a eternidade e o tempo, assim como entre Deus e o homem, mas se configura de forma especial em sua ideia da Palavra de Deus, uma vez que “a palavra de Deus é a Palavra ouvida na proclamação da Igreja hoje”⁶⁰. Cabe destacar, porém, que Barth “não subordinou a revelação ao existencialismo na mesma medida que Bultmann”⁶¹ ou Brunner.

EMIL BRUNNER (1889-1966), teólogo suíço, foi amigo pessoal de Barth e um dos principais representantes da teologia dialética, a qual denominou “teologia da crise” por entender que esta corrente teológica oferecia uma resposta à crise da teologia decorrente do racionalismo, se opondo a este – conforme deixa claro em sua obra *Teologia da crise*⁶². Segundo Brunner, “não há nenhuma tarefa mais importante ou mais urgente para qualquer época do que a separação da verdadeira fé de todas as ideologias”⁶³. A ideologia que Brunner percebia em seu contexto e que deveria ser combatida era justamente o racionalismo iluminista⁶⁴, ao qual o existencialismo se opunha. Mas qual seria a resposta para o racionalismo? A fé é sempre a resposta. Ora, a fé não é nada mais “do que o entendimento de alguém da existência”⁶⁵, de tal forma que a teologia, que busca apresentar a fé cristã, naturalmente tem como “seu principal problema o verdadeiro entendimento da vida humana”⁶⁶. O limite do existencialismo de Brunner se dá pelo fato de que esta existência está

⁵⁷ Ibid., p. 6.

⁵⁸ Após abandonar a *Die Christliche Dogmatik (Dogmática cristã)*, Barth começou uma nova obra, sua *Die Kirchliche Dogmatik (Dogmática eclesiástica)*, uma impressionante e gigantesca obra de treze volumes escritos, que foi publicada em partes de 1932 a 1967, sendo considerada por muitos como a *magnus opus* de Barth. Cf. FERREIRA, Franklin. *Karl Barth: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia*. In: Fides Reformata, Instituto Presbiteriano Mackenzie / Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, Vol. VIII, No. 1, 2003. pp. 29-62. p. 35. É interessante comparar a interrupção por parte de Barth de sua *Dogmática cristã* e a interrupção de Tomás de Aquino, séculos antes, de sua *Suma Teológica*, explicada por Tomás a seu amigo Reginaldo como resultado de uma visão sobrenatural de que tudo o que havia escrito era “um monte de palha”.

⁵⁹ GOUVÊA, In: BARTH, *Op. cit.*, p. 8.

⁶⁰ FERREIRA, *Op. cit.*, p. 48. Sobre a ideia de Palavra de Deus em Barth, cf. Ibid., pp. 47-49.

⁶¹ Ibid., p. 35.

⁶² BRUNNER, Emil. *Teologia da crise*. 3 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

⁶³ Ibid., p. 24.

⁶⁴ Ibid., p. 25.

⁶⁵ Ibid., p. 23.

⁶⁶ Ibid., p. 24. Esse entendimento não se pode dar de forma racionalista, pois “o homem não é animal nem Deus, e este elemento intermediário que ele é, e como ele se apresenta, não pode ser deduzido de princípios gerais” BRUNNER, Emil. *O escândalo do cristianismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 54. O homem se

sujeita à morte; “nossa vida temporal, portanto, não é vida real”⁶⁷. A verdadeira vida é “aquela que é divina, eterna, livre de sua contradição”⁶⁸. Sendo assim, toda ação humana, assim como suas religiões e filosofias, são esforços vãos⁶⁹, uma vez que a única resposta válida é a mensagem absolutamente incomparável do Evangelho, que permite a comunhão com Deus e conseqüentemente, a plena existência da humanidade⁷⁰. Sendo assim, Deus é quem dá humanidade ao homem. Tal percepção quebra completamente a ideia recorrente no existencialismo do homem ser seu próprio deus⁷¹.

RUDOLF BULTMANN (1884-1976), destacado teólogo luterano, foi professor de Novo Testamento na Universidade de Marburg, e é considerado o maior exegeta do século XX. Sua proposta hermenêutica denominada de “demitologização” propunha que a mensagem do Evangelho presente no Novo Testamento fosse traduzida da linguagem mitológica para uma linguagem compreensível pelo homem moderno, mediante o existencialismo. Sendo assim, sua proposta foi não somente assumir a filosofia existencialista de Heidegger, seu amigo e colega em Marburg, como realizar uma verdadeira “interpretação existencialista”⁷² sobre o cristianismo. Para além da demitologização, a teologia de Bultmann foi essencialmente existencialista em sua ideia de Palavra de Deus, a qual é entendida não como um “dado”, mas como um “acontecimento”, não podendo ser “comprovada”, mas apenas “provada”, experimentada pela pessoa a qual ela é dirigida⁷³, uma vez que necessariamente é “palavra dirigida”, *kerygma*. A Palavra de Deus se dá, portanto, no encontro entre Deus e o homem no aqui e agora, perceptível somente na própria existência humana. É a partir da existência humana, portanto, que se pode não apenas fazer teologia como encontrar a Deus⁷⁴.

dá numa natureza ambivalente, condição decorrente e expressa pelo seu corpo, sua diversidade e sua individualidade (Ibid., p. 55).

⁶⁷ BRUNNER, *Teologia da Crise*, p. 71.

⁶⁸ Ibid., p. 71.

⁶⁹ Ibid., p. 67.

⁷⁰ “Então o homem não pode em si mesmo ou por si mesmo ser verdadeiramente humano, mas somente em comunhão – comunhão com Deus, o Deus do amor, e em si o amor significa comunhão com o homem” (BRUNNER, *O escândalo*, p. 57).

⁷¹ Cf. BRUNNER, *Teologia da Crise*, p. 59.

⁷² BULTMANN, Rudolf. *Jesus Cristo e Mitologia*. (Trad. Daniel Costa. 2 ed.). São Paulo: Novo Século, 2003. p. 37. Jean Guitton, crítico de Bultmann, questiona a demitologização da seguinte forma: “Por que seria a filosofia alemã, expressa por Heidegger, mais apta à expressão duma revelação intemporal?” GUITTON, Jean. *Jesus*. (Trad. Oscar Mendes). Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1960. p. 41.

⁷³ “Fica fora da competência de um estudo crítico o que eu escute da palavra da Bíblia como uma palavra que me é dirigida pessoalmente e creio nela” (BULTMANN, *Jesus Cristo*, p. 43).

⁷⁴ “É suficiente dizer que a fé nasce do encontro com as Sagradas Escrituras enquanto Palavra de Deus, e que não é outra coisa que um simples escutar? A resposta é afirmativa. Porém esta resposta só é válida se não se entendem as Escrituras como um manual de doutrina, nem como uma recompilação de testemunhos de uma fé que eu interpreto com simpatia porque corresponde a meus sentimentos. Em troca, escutar as escrituras como Palavra de Deus significa escutá-las como uma palavra que me é dirigida, como um *Kerygma*, como uma proclamação. Neste caso minha compreensão das escrituras não é imparcial, senão que é minha resposta

Certamente há outros teólogos identificados com a neo-ortodoxia que merecem ser mencionados⁷⁵, uma vez que a falta de uma análise pormenorizada não se dá pela pouca importância dos mesmos, mas pela brevidade deste texto. REINHOLD NIEBUHR (1892-1971), teólogo norte-americano, foi um dos principais porta-vozes da neo-ortodoxia nos Estados Unidos, tendo ensinado filosofia da religião na Union Theological Seminary, em Nova York, por muitos anos⁷⁶. FRIEDRICH GOGARTEN (1887-1967), teólogo alemão que lecionou em Jena e Göttingen, foi marcado por duas etapas em sua teologia: uma primeira de estudos de *teologia dialética* (1914-1937) e uma segunda de teologia da *secularização* (1948-1967)⁷⁷, pela qual ficou mais conhecido. DIETRICH BONHOEFFER (1906-1945), mais do que escrever sobre o existencialismo, o viveu de forma prática na sua vida marcada pela tensão e pela necessidade de escolha no contexto da Alemanha nazista, diante do qual optou não apenas pela negação do nazismo, como pela oposição direta a Adolf Hitler⁷⁸. Mesmo assim, porém, sua teologia foi carregada da necessidade da reflexão quanto à existência do homem, assim como da secularização.

PAUL TILLICH (1886-1965), teólogo e filósofo alemão, apesar de ter grande contato com a teologia dialética, criou uma teologia existencialista própria. Sua grande *Teologia Sistemática*⁷⁹, por exemplo, é uma relação impressionante dos símbolos cristãos com uma abordagem a partir da existência humana. Todas suas obras, porém, estão carregadas de uma perspectiva marcadamente existencialista⁸⁰, mesmo que consciente e crítica do mesmo. Assim, Tillich declara-se "cinquenta por cento" existencialista⁸¹, ou seja, desenvolve uma teologia tanto existencialista como essencialista, partindo da existência sem, entretanto, negar completamente a essência.

a uma chamada. O fato de que a palavra das Escrituras seja a Palavra de Deus, não pode ser demonstrado objetivamente: é um acontecimento que se produz aqui e agora. A Palavra de Deus está oculta nas Escrituras, como toda ação de Deus está oculta por onde for" (Ibid., p. 57).

⁷⁵ Eduard Thurneysen (1888-1977), amigo de Barth por toda a vida, estudou Dostoiévski para suas pregações, enquanto Barth estudava Kierkegaard (FERREIRA, *Op. cit.*, p. 31). Thurneysen, porém, influenciou pouco na teologia, senão indiretamente mediante Barth.

⁷⁶ MONDIN, Battista. *As teologias do nosso tempo*. Trad. Manuel Alves da Silva. São Paulo: Edições Paulinas, 1979. p. 23.

⁷⁷ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 124.

⁷⁸ Sua breve vida (faleceu com 39 anos), é explicada pelo fato de Bonhoeffer ter se envolvido na trama de Abwehr a fim de assassinar Hitler. Sendo preso, acabou sendo enforcado em 9 de Abril de 1945.

⁷⁹ Sua *Systematic Theology* foi publicada em três volumes de 1951 a 1963 pela University of Chicago Press, editora da universidade onde lecionou de 1962 até sua morte em 1965.

⁸⁰ Tillich lembra que pela importância da interpretação existencialista à Bíblia, que leva em consideração conceitos importantes como ansiedade, culpa, cuidado e vazio, aplicou este método também em todos os seus sermões (TILLICH, *Perspectivas*, p. 232).

⁸¹ Ibid., p. 246.

TEOLOGIA EXISTENCIALISTA PARA ALÉM DA NEO-ORTODOXIA

Apesar da filosofia existencialista ter surgido “originalmente das tensões vividas pela situação intelectual germânica no começo do século dezenove”⁸², sendo, portanto, uma “criação especificamente alemã”⁸³, não ficou restrita ao contexto alemão. Também, apesar de não somente Kierkegaard como Barth, Brunner, Bultmann e Tillich serem luteranos, o existencialismo também afetou a teologia anglicana, católica e mesmo ortodoxa.

JOHN MACQUARRIE (1919-2007), teólogo anglicano escocês, não apenas foi um importante estudioso a respeito da teologia existencialista de Rudolf Bultmann⁸⁴, como ainda desenvolveu sua própria teologia existencialista. Apesar de outro teólogo anglicano, REGINALD H. FULLER (1915-2007)⁸⁵ ser recorrentemente apontado como neo-ortodoxo, a teologia de Macquarrie é mais explicitamente carregada de existencialismo. Segundo este autor, há dois tipos de usos teológicos do existencialismo: 1) a teologia existencialista aos moldes de Bultmann e outros, que se baseia nos atos de Deus no aqui e agora; 2) a teologia com uma ontologia baseada no existencialismo. Sua obra *Principles of Christian Theology*⁸⁶ é um exemplo importante desta segunda forma de teologia existencialista⁸⁷.

NICOLAI BERDIAEV (1874-1948), religioso e filósofo russo ortodoxo, também pode ser apontado como tendo realizado uma espécie de teologia existencialista. É evidente que FIODOR DOSTOIÉVSKI (1821-1881), cujo caráter existencial é evidente, foi a principal influência sobre Berdiaev⁸⁸, porém outros nomes tiveram grande peso, tais como o místico alemão JACOB BOEHME (1575-1624) e o filósofo ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860). É perceptível que em sua obra, Berdiaev criou uma espécie de “doutrina personalista que é inspirada pelo pensamento religioso e deriva de certas correntes filosóficas”⁸⁹, porém a mistura tomou uma tonalidade particular que somente uma mente russa poderia dar. Berdiaev,

⁸² TILLICH, *Teologia da Cultura*, p. 123.

⁸³ Ibid., p. 123.

⁸⁴ Cf. MACQUARRIE, John. *An Existentialist Theology: a comparison of Heidegger and Bultmann*. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

⁸⁵ Cabe se destacar que Reginald H. Fuller foi um importante tradutor de obras teológicas alemãs para o inglês, dentre os quais traduziu algumas obras de Rudolf Bultmann e Dietrich Bonhoeffer.

⁸⁶ MACQUARRIE, John. *Principles of Christian Theology*. London: SCM Press, 1977.

⁸⁷ Segundo Arthur M. Ramsay, esta obra “é uma legível, lúcida e móvel apresentação do padrão da doutrina cristã em termos ‘ontológicos-existencialistas’ RAMSAY, Arthur Michael. *God, Christ and the World: a study in contemporary theology*. London: SCM Press, 1970. p. 59.

⁸⁸ A influência de Dostoiévski sobre Berdiaeff foi decisiva desde sua juventude (QUADROS, Elton Moreira. *Dostoiévski e o enigma humano*. In: Revista Espaço Acadêmico. Universidade Estadual de Maringá, Ano IX, No. 103, dezembro de 2009. pp. 73-77 [74]), tendo como grande símbolo a obra publicada em 1921 – e que foi rapidamente traduzida para o português –, *O espírito de Dostoiévski* (Rio de Janeiro: Editora Panamericana Ltda, 1926).

⁸⁹ RICHARDSON, David Bonner. *Berdyayev's Philosophy of History: an existentialist theory of social creativity and eschatology*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1968. p. 90.

ex-ateu convertido à fé ortodoxa, buscou realizar uma atualização da mensagem cristã mediante a filosofia existencialista, partindo desta para criticar as deformações que o racionalismo, a religião e a Igreja empreenderam sobre Deus, que acabou deixando de ser “experiência existencial, comunhão de espíritos, participação do Ser”⁹⁰, dando espaço à ideia anticristã dominante na Rússia de seu tempo.

HANS URS VON BALTHASAR (1905-1988), sacerdote católico suíço, se destacou nos estudos teológicos sobre a teologia da história e as relações entre a Igreja e o mundo. Além de ser um importante estudioso da teologia de Karl Barth⁹¹, escreveu sua própria teologia carregada da perspectiva existencial, o que é particularmente perceptível em sua obra *O conceito de angústia*, seguindo Kierkegaard no estudo da compreensão cristã sobre a angústia.

KARL RAHNER (1904-1984), teólogo católico alemão, é tido por Battista Mondin como “uma das inteligências especulativas mais fortes e agudas do nosso tempo”⁹². De fato, ao lado de von Balthasar, HENRI DE LUBAC (1896-1991), YVES CONGAR (1904-1995), EDWARD SCHILLEBEECKX (1914-2009), e outros, é considerado como um dos maiores teólogos católicos do século XX⁹³. Estes teólogos, dentre os quais Rahner se destaca, foram os responsáveis pela adequação da teologia católica à modernidade, o que foi tanto criticado pela ala católica mais conservadora, quanto aceito e incorporado no Concílio Vaticano II (1962-1965), no qual estes teólogos tiveram importante participação. A participação de Rahner neste processo teológico se deu especialmente no campo da antropologia teológica, buscando perceber o homem a partir de uma teologia cristã existencialista, sendo-lhe essencial a ideia de que “Deus só pode revelar o que o homem pode ouvir”⁹⁴. Esta afirmação implica tanto no fato de que apenas o ser humano possui uma essência de abertura ao transcendental, sendo o único capaz de ouvir a Deus entre os seres vivos, assim como a percepção desta mesma transcendência (revelação) está limitada à capacidade perceptiva do homem, ou seja, sua existência. Sua abordagem é, portanto, existencial-sobrenatural, uma vez que possibilita o conhecimento do sobrenatural a partir da existência⁹⁵.

⁹⁰ MONDIN, *As teologias.*, p. 33.

⁹¹ Von Balthasar, que mantinha contato direto com Barth, escreveu o importante livro *Karl Barth: Darstellung und Deutung Seiner Theologie*. Köln: Verlag Jakob Hegner, 1951.

⁹² MONDIN, *As teologias*, p. 29.

⁹³ Cf. *Os grandes teólogos do século vinte*. Vol. 1. Os teólogos católicos. 3 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

⁹⁴ RAHNER apud TREVISOL, Vilson. O ser humano em Karl Rahner: do transcendental ao pessoal. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014. pp. 77-78.

⁹⁵ Sobre esta questão, cf. SILVA, Natanael Gabriel da. *Liberdade transcendental: uma análise a partir da antropologia-transcendental de Karl Rahner*. In: *Théos: Revista de Reflexão Teológica*, Faculdade

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica do existencialismo, seja cristão ou ateu, assim como as críticas da psicanálise ou mesmo do marxismo à religião não devem ser rejeitadas pela igreja cristã, senão apropriadas e tomadas como oportunidade de reflexão e mudança. É nesta perspectiva que Tillich percebe não somente o existencialismo como ainda a psicanálise e mesmo o marxismo como “aliados providenciais da teologia cristã no século vinte”⁹⁶, justamente por suas críticas, que permitem o aperfeiçoamento e o desenvolvimento da teologia e do próprio cristianismo.

A teologia, como estudo da relação entre Deus e o homem, não pode deixar de lado nem o essencialismo, por tratar das coisas divinas, nem o existencialismo, por tratar das coisas humanas. Tal como afirmou PAUL TILLICH, “a teologia precisa considerar os dois lados, a natureza essencial do homem, maravilhosa e simbolicamente expressa na história do passado, e a condição existencial do homem, sob o pecado, a culpa e a morte”⁹⁷. Na realidade, o próprio homem não deve deixar de se direcionar para o geral, seja mediante a linguagem⁹⁸, ou ainda pela sua própria natureza ambivalente⁹⁹, mesmo que não o possa alcançá-lo por completo. O desespero é resultado da reflexão¹⁰⁰, mas não é necessariamente o seu fim. O homem pode, a partir de si mesmo, ultrapassar os limites de sua existência, tal como apontou o filósofo romeno CONSTANTIN NOICA (1909-1987): “O homem deve ultrapassar sua condição individual e confirmá-la, ao mesmo tempo. Deve encontrar não *um* sentido geral, mas descobrir o *seu*”¹⁰¹. Esta é a tarefa deixada pela filosofia existencialista à teologia cristã.

Teológica Batista de Campinas, Vol. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.revistatheos.com.br>>. Acesso em 18 de setembro de 2015.

⁹⁶ TILLICH, *Perspectivas*, p. 246.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 246.

⁹⁸ Paul Tillich negava a possibilidade de um existencialismo puro em decorrência da necessidade da linguagem para descrever a existência. A linguagem, “pela própria natureza, é essencialista e não pode fugir disso” (*Ibid.*, p. 246), uma vez que emprega universais, mesmo quando se expressa a própria existência humana.

⁹⁹ Cf. COLLI; RUPPENTHAL NETO, *Op. cit.*

¹⁰⁰ Constantin Noica nota que o sofrimento humano se dá especialmente no fato do homem “poder escolher a seu bel-prazer um geral e não poder verdadeiramente alçar-se a ele” (NOICA, Constantin. *As seis doenças do espírito contemporâneo*. (Trad. Fernando Klabin e Elena Sburlea). Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. p. 50). Também o aponta Sartre: “A realidade humana é sofredora em seu ser, porque surge no ser como perpetuamente impregnada por uma totalidade que ela é sem poder sê-la, já que, precisamente, não poderia alcançar o Em-si sem perder-se como Para-si” (SARTRE, *O ser e o nada*, p. 141). O desespero, portanto, é resultado do primado do individual (NOICA, *Op. cit.*, p. 68), sobrepondo e anulando o geral.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 52.